

O Mercosul na corda bamba, três décadas depois

Ao completar 30 anos, o bloco vive sua crise mais aguda — e eventuais recuos na integração não estão descartados

Entrevista com Hussein Kalout

26/03/2021, Revista Época

Ao longo das últimas décadas, Mercosul foi um sinônimo de crise. O motivo variava. Podia ser no comércio do setor automotivo dentro do bloco, brigas provocadas por importações vindas de fora do Cone Sul ou questões políticas. O certo é que houve quase sempre confusão. Às vésperas de o Mercosul completar 30 anos, um artigo da professora Andrea Hoffmann, do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio), resume o sentimento geral ao dizer que a crise atual não tem precedente. Estão em debate a essência do Tratado de Assunção, assinado pelos então presidentes Fernando Collor, Carlos Menem (Argentina), Luis Lacalle (Uruguai, pai do atual presidente, Luis Lacalle Pou) e Andrés Rodríguez (Paraguai), e a ideia fundamental de que, juntos, os quatro países são mais fortes do que atuando separadamente.

O ex-ministro das Relações Exteriores Celso Lafer costumava dizer que a relação entre Brasil e Argentina não era uma opção, era um destino. Hoje, os governos Jair Bolsonaro e Alberto Fernández têm uma relação errática. Algumas poucas vezes, são pragmáticos. Em outras tantas, prevalecem tensões que parecem insuperáveis — a amizade do presidente argentino com o ex-presidente Lula é claramente um complicador. Em paralelo, os sócios menores buscam acompanhar esse ziguezague, priorizando suas próprias necessidades.

Para todos os membros, está claro que este é um momento de reflexão sobre como continuar. Abandonar totalmente o bloco está fora de cogitação, até porque significaria abandonar, também, o que para muitos é sua tábua de salvação: o acordo de livre comércio com a União Europeia (UE), que terminou de ser negociado em 2019, mas ainda não foi assinado nem ratificado pelos parlamentos. “O Mercosul passa por um momento no qual poucos atores acham que ele vai trazer soluções”, apontou Hoffmann. Para a professora, o bloco foi mais um facilitador do que um grande catalisador de transformações. “Não nego sucessos do Mercosul, como iniciativas em matéria de migrações, intercâmbios educacionais, para isso ele foi determinante. Mas, em geral, sou bem pessimista”, disse Hoffmann.

Para os atuais governos do Brasil e do Uruguai, ao completar 30 anos, o bloco deveria abandonar o sonho da união aduaneira. O discurso dos defensores de um recuo estratégico é simples: cerca de 90% dos mais de 500 acordos comerciais do mundo são zonas de livre comércio. Por que, então, insistir numa união alfandegária, que nem sequer perfeita é? “O Mercosul precisa ser sincero. A modernização não deve ser vista como um fracasso, e sim como uma adaptação a novos tempos”, opinou o uruguaio Nicolás Albertoni, professor da Universidade Católica do Uruguai e pesquisador da Universidade do Sul da Califórnia.

O governo uruguaio, de fato, pretende que a comemoração seja uma oportunidade para fazer uma espécie de terapia familiar. O presidente Luis Lacalle Pou esteve em Brasília, em fevereiro, e conversou abertamente com Bolsonaro num almoço de trabalho. Seu país quer um Mercosul mais moderno, onde seus membros não estejam condenados, em palavras de um negociador brasileiro, a um abraço dos afogados. Isso significa, na prática, reestruturar elementos originais do bloco, principalmente a Tarifa

Externa Comum (TEC) e a chamada resolução 32/00, que exige que negociações com outros países e blocos sejam feitas em conjunto.

Brasil e Uruguai estão expectantes em relação ao acordo com a UE, hoje paralisado por causa dos questionamentos de países europeus, com destaque para a França, à política ambiental brasileira. Os dois governos mais ansiosos do Mercosul em relação ao entendimento esperam que as turbulências sejam passageiras. “O Brasil é a desculpa que a Europa encontrou para limitar o acordo. Se existisse algo real, teriam de ter falado durante a negociação”, argumentou o pesquisador uruguaio.

Para o governo e especialistas de modo geral, o Mercosul se alinha ao dito popular “ruim com ele, pior sem ele”. Apesar de todos os problemas e da estagnação em projetos de integração econômica e comercial, a avaliação é que a única saída é avançar e aperfeiçoar — e não desprezar tudo que foi construído até agora.

A democracia é considerada um dos grandes patrimônios do bloco. Segundo lembra um alto funcionário do governo brasileiro, a Venezuela — que se tornou membro pleno com forte apoio do governo Lula — foi suspensa do Mercosul há quatro anos, por violação do compromisso democrático. Ficará de fora do bloco enquanto permanecer à frente do país o governo do chavista Nicolás Maduro. Essa fonte destacou que a Venezuela é uma “nação, irmã querida por todos nós, cujo lugar é aqui conosco”, mas a saída de Maduro e a realização de eleições livres são precondições para esse retorno. “O Mercosul é uma construção política, antes de ser econômica. É um processo forjado essencialmente por Brasil e Argentina, integrado em seguida por Paraguai e Uruguai”, destacou **Hussein Kalout**, do **Núcleo de América do Sul do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri)** e pesquisador da Universidade Harvard. Ele defendeu que o Mercosul tem de ser visto para além da perspectiva econômica e afirmou que o bloco deve ser aperfeiçoado e modernizado de acordo com as novas dimensões da agenda internacional. Por exemplo: ser usado como instrumento de combate à pandemia, integração das políticas sanitárias e a adoção de uma visão unificada sobre mudanças climáticas. “A ideia de discussão sobre tarifas versus produtos está superada, embora seja importante. Olhar o Mercosul com uma perspectiva meramente econômica é uma visão reducionista da importância que o bloco tem para o Brasil. Não dá para jogar três décadas no lixo”, disse.

Recém-empossado na Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara, o deputado Aécio Neves (PSDB) afirmou considerar o Mercosul um marco histórico da diplomacia brasileira. Ele citou o artigo 4 da Constituição, em seu parágrafo único, que fala da defesa da latino-americanidade do Brasil, ou seja, o empenho para a consolidação de uma comunidade latino-americana de nações com dimensões econômica, política, cultural e social. “Muitas conquistas foram alcançadas nestes últimos 30 anos graças ao Mercosul, mas o bloco pode e deve ainda adquirir maior vigor como instrumento de desenvolvimento econômico e social”, disse o parlamentar tucano.

De sua parte, Neves garantiu que a comissão vai se debruçar no sentido de permitir avanços no bloco, como a ratificação do acordo Mercosul-UE. Completou que também devem merecer atenção especial as já iniciadas negociações com o Canadá, a Coreia do Sul e Cingapura, que, a seu ver, precisam e devem ser aceleradas.

Ainda existem objetivos econômicos e comerciais em comum, o que mudou é o caminho que cada um deseja percorrer. A Argentina, mergulhada numa recessão econômica que parece não ter fim, quer ir em ritmo mais lento. Dentro do bloco já se fala num “Mercosul à la carte”, ou seja, um Mercosul onde

cada um escolhe o que quiser de um cardápio de pratos à disposição. Os pratos seriam acordos comerciais com outros países e blocos. Parece viável — de fato, já acontecem negociações em dois tempos, por exemplo, no acordo com a Coreia do Sul —, mas não se encontraram mecanismos jurídicos para tornar formal e oficial esse novo Mercosul.

Existem, ainda, as discrepâncias políticas. O economista Pedro Silva Barros, que foi diretor da extinta União de Nações Sul-americanas (Unasul), afirmou que hoje a polarização política que existe no Brasil e nos demais países está afetando as agendas regionais e externas. “Nos governos do PT ou PSDB não se questionavam a existência do Mercosul ou a importância de relacionar-se com a Argentina. Isso mudou com Bolsonaro, a polarização transbordou a política interna”, opinou.

Pragmatismo e ideologia se alternam nas relações, dentro de um bloco que está, há anos, semiparalisado. Sem sintonia entre chefes de Estado, as conversas durante este ano prometem.

Publicado originalmente em: <https://epoca.globo.com/mundo/o-mercossul-na-corda-bamba-tres-decadas-depois-1-24942406>